

Este histórico número 70 da *Revista Brasileira de História* (RBH) vem a público numa conjuntura delicada. Cortes orçamentários do governo federal e os recentes conflitos entre governos estaduais e as escolas públicas, seus alunos, funcionários e professores, se somam a projetos de lei sobre o ensino, a escola e a docência, nos fazendo ver a ressurgência da intolerância e do obscurantismo. Por outro lado, custosas e constantes exigências feitas à pesquisa científica e à docência universitária se reapresentam perante as revistas, incluindo a RBH.

Se há possibilidades de retrocesso ou desgaste, há também energia para enfrentar desafios. Nesse sentido, o presente número olha para trás e, nas duas apresentações dos números 55 e 56, enxerga diversos pontos relevantes da história da Anpuh e da RBH.¹ Por um lado, a revista mantém firme o plano de ser um periódico que, tendo a qualidade em alta vista, se caracterize pela pluralidade e pelo protagonismo, contribuindo para a inovação da pesquisa e uma temática abrangente. Quer ser um veículo, portanto, para resultados inéditos de investigações originais. Quer também, desde o seu ingresso na biblioteca SciELO (em 1998), equilibrar-se entre “autores ansiosos”, “leitores exigentes” e as imperativas e mutantes demandas trazidas por novas tecnologias, a exemplo da plataforma XML, à qual chegamos no número 69.²

Foi assim pensada a adesão à publicação avançada de artigos, também conhecida como *ahead of print*. Antes mesmo da conclusão total de um número da revista, já é possível publicar artigos que estejam prontos para a leitura. Também foi assim concebida a submissão de artigos em rede. Agora, no lugar de receber pelo *e-mail*, a RBH acolhe as colaborações pelo sistema OJS (<http://submission.scielo.br/index.php/rbh/about/submissions#onlineSubmissions>).

Para chegar a esta notável marca – o septuagésimo número –, a *Revista Brasileira de História* venceu desafios. Desde 1981 contou e conta com o honorável serviço de profissionais e o esforço abnegado e solidário de uma ampla e voluntária equipe, além de pareceristas, aqui recordados com um “muito obrigado”.

Ao longo desses quase 35 anos de vida, a grande quantidade de gente mobilizada resulta da capacidade da Anpuh de não estar ligada a uma instituição em particular, sendo, antes, espelho de articulações que se espriam por todo o país (e fora dele também), o que se vê no tamanho de seu quadro associativo, hoje com mais de 7 mil filiações.

Vindo a lume a partir de 13 de novembro, este número 70 se compôs gradativamente. Ao ser fechado, transpareceram quatro artigos, um dossiê sobre História Agrária (ver a apresentação de Helen Osório), uma entrevista com o historiador francês François Hartog e três resenhas.

De autoria de Eliane Fleck e Mauro Dillmann, “‘Se viveres como louco, sabes que hás de morrer sem juízo’: as orientações para o bem morrer na literatura cristã portuguesa do século XVIII” examina a prática de orientar os fiéis para uma vida santificada, conduzindo-os para uma boa morte. Virtudes morais difundidas pela escrita religiosa ocasionariam bons comportamentos, garantia do bem morrer.

Já Airton José Cavenaghi analisa aspectos da interpretação documental, literária e iconográfica do instante do Grito do Ipiranga. Procura demonstrar como a leitura e interpretação de material produzido sobre determinado assunto pode caracterizar a busca de uma verdade absoluta. Criticando modelos historiográficos desenvolvidos durante o século XIX, quer compreender seu panorama formativo e assim propor uma interpretação que suplante a permanência dos valores culturais disseminados pela celebração da data memorável.

Abordando as origens do pensamento radical na América Latina, Fabio Luis Barbosa dos Santos condensa os resultados de uma pesquisa que analisa, em perspectiva comparada, como nascem, evoluem e são frustrados três projetos de democratização na América Latina. Estudando José Martí em Cuba, Juan B. Justo na Argentina e Ricardo Flores Magón no México, sua hipótese é que esses autores sugeriram balizas que referenciavam a máxima consciência possível da militância radical no continente, naquele contexto.

Por fim, Oswaldo Truzzi e Maria Izilda Matos investigam as saudades da terra, manuseando cartas trocadas entre imigrantes portugueses no Brasil e seus familiares em Portugal. Sustentam que as missivas não só retratam processos de deslocamentos e afastamentos, como também são produtos de ambos, documentando os mundos de origem e de destino. Separados pela imigração, os correspondentes buscam perpetuar afetos, reforçar laços e combater a saudade.

“Penso que, na Itália, os historiadores especializaram muito as suas leituras, no sentido de ler apenas historiadores, e frequentemente historiadores italianos”, afirmou Giovanni Levi em uma entrevista.³ Estrategicamente, nosso caminho passa pelo enfrentamento dessa intrincada questão. A História não pode se faltar apenas consigo mesma nem tampouco se limitar a confins estreitos. Falta de diversidade e ensimesmamento não fazem bem a ninguém. Em acréscimo, outras balizas demarcam os caminhos. A pesquisa, por exemplo, pode ser motivo apenas de grupos pequenos. Mas a revista não prescinde de amplos coletivos. E aqui não cabe escolher um em detrimento do outro. Decerto, cumpre ponderar que pesquisadores necessitam, por várias razões, vir a público para expor resultados de sua atividade investigativa, submetendo-os ao teste da recepção pelos pares (algo que já começa na avaliação de pareceristas, às cegas). Em paralelo, é fácil perceber que o público atraído pela História é amplo e diversificado, além de marcantemente jovem, assim como o são os congressos organizados pela Anpuh nos estados e em nível nacional.

Sendo o Brasil um país multiétnico e continental (não é à toa que foi chamado de império), uma revista almejar expressá-lo em sua pluralidade já é, a rigor, uma ambição hercúlea. Não deixa pois de causar certa reação o parecer do CNPq que lamenta ter a RBH uma “inserção internacional” de amplitude “limitada”. Em outras palavras, em tempos de vacas magras, parece que nos atribuíram a lida de tirar leite de pedra.

De olho no crescimento da pós-graduação em todo o país, a Anpuh e a RBH visam atender essa variedade, observando, a propósito, que as centenas de milhares de vezes que os artigos mais acessados são clicados – ou lidos – não correspondem a um número proporcional de citações SciELO. São usos diferentes do conhecimento científico, e estamos felizes de ver a revista apropriada

de diversos jeitos nas mais de 7 milhões de vezes em que teve seus artigos consultados pela cidadania curiosa, ou ávida, de História.

Antonio Luigi Negro
Universidade Federal da Bahia (UFBA).
Salvador, BA, Brasil.
rbh@anpuh.br

NOTAS

¹ Apresentação. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.28, n.55, p.9-11, 2008; Apresentação. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.28, n.56, p.305-307, 2008.

² DUARTE, Regina Horta. “Cru e quente”: autores ansiosos, leitores insatisfeitos. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v.31, n.57, p.629, 2015.

³ LEVI, Giovanni. Il piccolo, il grande e il piccolo. *Meridiana*, Roma, n.10, p.225, 1990.